

EDUCAÇÃO E SOLIDARIEDADE EM HUGO ASSMANN

GEFFERSON SILVA DA SILVEIRA¹; JOVINO PIZZIZ²

¹Universidade Federal de Pelotas – geff.filo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jovino.piz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa consiste numa reconstrução crítica das noções de solidariedade e educação no pensamento sócio-teológico e filosófico-educacional de Hugo Assmann (1933-2008), teólogo, sociólogo e filósofo brasileiro. O presente estudo insere-se dentro da pesquisa de doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, na Linha 1 (Filosofia e História da Educação), iniciado no segundo semestre de 2020.

Conforme nos sugerem HABERMAS (2000), HINKELAMMERT (2015) e RORTY (1992), a solidariedade tem sido tratada como indispensável no discurso acerca de uma sociedade democrática que pretenda a efetivação da justiça social. ASSMANN; SUNG (2000) entende que os discursos sobre a solidariedade não são uníssonos, mas plurais e, muitas vezes, divergentes. Entretanto, esses discursos revelam, em seu conjunto, um fenômeno sintomático: uma profunda crise de civilização pela qual estamos atravessando como sociedade.

A educação, por conseguinte, tem sido concebida teoricamente sob duas perspectivas: (i) autônoma em relação à sociedade, capaz de corrigir as injustiças sociais e (ii) dependente da sociedade, a qual reproduz. As teorias educacionais do primeiro tipo são denominadas “teorias não-críticas”, pois não percebem os condicionantes sociais objetivos, buscando entender a educação a partir dela mesma; já as teorias do segundo tipo são caracterizadas como “teorias crítico-reprodutivistas”, por entenderem que a educação é afetada por condicionantes sociais objetivos e sua função básica é a reprodução da sociedade (SAVIANI, 1988).

Embora Assmann acredite no potencial de equalização social que a educação carrega em si, não é ingênuo a ponto de defender sua independência em relação à sociedade. Ciente de que os condicionantes externos determinam fortemente a educação, antes de problematizar a correlação entre solidariedade e educação, Assmann enfatiza a necessidade de os âmbitos educacionais passarem por um reencantamento. Assim, reencantar a educação torna-se uma condição indispensável quando se pretende reencontrar um sentido para a educação, que se situe para além da reprodução da cultura de consumo e da lógica de acumulação e de exclusão que dinamizam a sociedade.

2. METODOLOGIA

Em termos metodológicos, este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica. Na busca pela elucidação da temática desenvolvida, a pesquisa bibliográfica se constituiu como condição necessária e indispensável, possibilitando uma boa delimitação do tema e do problema e sua consequente resolução. Primeiramente, iniciamos com um mapeamento do uso das noções de solidariedade e educação em ASSMANN (1994b), (1998), (2000) e ASSMANN; SUNG (2000), (2010). Em seguida, passamos para uma análise nas obras de seus

interlocutores (citados na introdução), finalizamos voltando às primeiras obras para sintetizar e avançar com a temática pesquisada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desencantamento da educação é uma das consequências do atravessamento do viés mercadológico/econômico nas mais variadas instâncias sociais. Há uma tendência na América Latina de caracterizar a escola como uma instituição falida. Entretanto, esse tipo de discurso é introduzido como forma de apresentar uma nova linguagem no âmbito educacional, ou seja, transformar a escola em uma empresa, que salvará a educação. A escola começa a ser concebida como uma prestadora de serviços de aprendizagem ou serviços educativos. Tanto a escola particular como a pública estariam sendo alvos desta perspectiva puramente mercadológica, que não respeita e não tem nenhum tipo de compromisso com a preservação das identidades culturais. O viés econômico e mercadológico tenta descaracterizar o viés ético e político da educação (ASSMANN, 2010).

Diante da crise cultural profunda que estamos vivendo, “estaríamos frente à imensa tarefa de reinventar o homem e até mesmo a humanidade inteira” (ASSMANN, 2010, p. 16). Esta crise seria responsável pelo embotamento de algumas sensibilidades, o que estaria impedindo o ser humano de olhar para o futuro com o mínimo de esperanças. Assmann argumenta que são três os tipos de sensibilidades que o ser humano perdeu e que precisam ser recuperadas: (i) sensibilidade para os valores de uma opção radical em favor da paz, (ii) sensibilidade estética e (iii) sensibilidade ética. Sem essas sensibilidades fica difícil entender e se posicionar diante da realidade que afeta a educação.

ASSMANN (1994b) problematiza a tendência que subjaz às reformas educacionais pelo mundo: deixar-se guiar pelos interesses do mercado global. Com a pressuposição da defesa de uma “qualidade” educacional, o mercado estaria “encurralando” a educação e o ensino para que atendam aos seus próprios interesses, colocando em segundo plano, ou até mesmo abandonando, o compromisso da educação com a capacitação dos recursos humanos. Uma outra questão, que está ligada à anterior, é a ênfase dada a um conceito de aprendizagem “fortemente calcado sobre os aspectos especificamente instrucionais e sobre o eficientismo, não raras vezes em prejuízo da dimensão crítico-formativa do sujeito educando” (ASSMANN, 1994b, p. 20). Nesse sentido, Assmann coloca como urgência a redefinição da aprendizagem, destacando o potencial auto-organizativo da corporeidade no processo de aprender a aprender.

Há um descompasso entre os desafios impostos pela realidade atual e a condição ética da humanidade. Essa constatação faz com que os olhares se dirijam para a educação, pois esse descompasso só poderia ser resolvido a longo prazo, a partir de “uma profunda revolução pedagógica, voltada para uma espécie de cultura de sensibilidades” (ASSMANN, 2010, p. 17). É nesse sentido que ASSMANN (1998, p. 201) afirma que “a escola deve transformar-se não apenas em lugar de ensino competente, mas também de aprendizagem prazerosa”. Ou seja, a escola, e por conseguinte a prática educativa, precisa tornar-se um espaço para o despertar das sensibilidades, do desejo e da paixão por aprender, de viver intensamente e esperançadamente. Educar (e, por conseguinte, educar-se) significa defender vidas. Pois, “processos vitais e processos de conhecimento são no fundo a mesma coisa” (ASSMANN, 2000, p. 22).

De acordo com ASSMANN (1998, p.199), “privar alguém de uma educação de qualidade representa hoje um atentado à vida”. Embora a ausência da educação não seja sentida como *causa mortis*, comparando com outras catástrofes naturais ou provocadas, nas atuais circunstâncias do mundo realmente impossibilita a vida. A não garantia de acesso a uma educação de qualidade para todos é uma ameaça direta à sobrevivência. ASSMANN (1998, p. 200) afirma que “o termo qualidade, quando falamos em direito à educação com qualidade, deve estar referido aos direitos vitais das corporeidades vivas tanto dos docentes como dos alunos”.

O intolerável e a solidariedade se definem a partir da corporeidade. Ou seja, a corporeidade é a instância radical dos critérios ético-políticos e pedagógicos. Nesse sentido, a educação, pensada a partir da corporeidade, torna-se terreno fértil para o despertar da sensibilidade solidária. A sensibilidade solidária permite o resgate daquelas outras sensibilidades esquecidas, ou melhor, daquelas dimensões sensíveis adormecidas nos seres humanos, por conta de uma realidade que foca apenas em dados quantificáveis, econômicos e lucrativos. O resgate dos valores que defendem a paz, o compromisso para ir desenhando um mundo marcado pela feiura da antevida e a abertura ao respeito e responsabilidade ética com outro, humanos e não-humanos, estão no horizonte de uma proposta de educação para a solidariedade.

ASSMANN (2010, p. 46) afirma: “educar para a sensibilidade solidária e educar para a esperança são, para mim, os nexos maiores do meu pensar”. Entende-se, assim, que somente uma educação para a solidariedade pode fazer frente à cultura de mercado e sua lógica de exclusão. A solidariedade não é um impulso natural do ser humano. Ou seja, “o sentimento de solidariedade precisa ser inserido na evolução biopsíquica, e só será adquirido... na medida em que for um valor social disponível culturalmente no meio social no qual vive” (ASSMANN, 1994a, p. 34). A conversão é uma pré-condição para a solidariedade. Conversão não no sentido religioso, mas em seu sentido etimológico de mudança, de buscar outros caminhos possíveis para dinamizar as relações entre humanos e com toda a diversidade natural. Assim, não se pode esquecer que a solidariedade não é um dado congênito do ser humano, mas um processo exigente e sempre inconcluso de conversão.

Se o fato maior do mundo atual são as lógicas da exclusão e o alastramento das insensibilidades que as acompanha, a educação se configura como a tarefa social mais necessária na busca pela conscientização e emancipação. Segundo ASSMANN (2000, p. 26), “a educação terá um papel determinante na criação da sensibilidade social necessária para reorientar a humanidade”. A humanidade se encontra numa encruzilhada ético-política, sua sobrevivência está ameaçada por si mesma, e não sobreviverá se não encontrar um modo de incentivar a frágil disposição à solidariedade. E, como se viu, para esse intuito, a educação desempenha um papel indispensável. Mas não qualquer tipo de educação. Assmann entende que a educação precisa trabalhar conjuntamente “as competências sociais requeridas pelas atividades profissionais mais variadas e as novas atividades que inventarmos com a sensibilidade social necessária para a construção de um mundo, no qual caibam todos” (ASSMANN, 2000, p. 14).

4. CONCLUSÕES

A centralidade da proposta desta pesquisa é o estabelecimento de uma correlação entre solidariedade e educação no pensamento de Hugo Assmann. A hipótese de trabalho consiste na elucidação de que a solidariedade é um conceito-

chave na busca pela efetivação de uma sociedade onde “caibam todos”, ideia que perpassa alguns escritos sócio-teológicos do autor, e que ganharia sentido a partir dos escritos filosófico-educacionais. A temática trabalhada nesta pesquisa nos apresenta e nos desafia a pensar uma transformação social. Qual sociedade que se almeja? Ao menos uma outra que vá na contramão dessa que reduz tudo ao cálculo econômico, que desfoca o sentido da vida e que desencanta tudo o que na vida não é acumulação e consumo, inclusive a própria educação. Essa mudança não necessariamente está pensando numa substituição do sistema capitalista por um pós-capitalista (ou qualquer outro), mas ressaltando apenas a urgência em mudar o foco do “encantamento”, que não seja o consumo, a acumulação e a ostentação, que gera pobreza e exclusão social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

ASSMANN, Hugo. **Crítica à lógica da exclusão**. São Paulo: Paulus, 1994a.

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**: epistemologia e didática. 2ª ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1998.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo a sociedade aprendente. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. 3ªed. Piracicaba: Editora Unimep, 1994b.

ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. **Competência e sensibilidade solidária**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. **Deus em nós**: o reinado que acontece no amor solidário aos pobres. São Paulo: Paulus, 2010.

HABERMAS, Jürgen. Justicia y solidaridad: Acerca del debate sobre nivel 6 de Kohlberg. In: **Aclaraciones a la ética del discurso**. Madrid: Trotta, 2000.

HINKELAMMERT, Franz. **Solidaridad o suicidio colectivo**. San José: Editorial Arlekin, 2015.

RORTY, Richard. **Contingência, Ironia e Solidariedade**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988.